

***“LEMBRAR-ME-EI DESTA NOITE, NEM QUE VIVA MIL ANOS”:
RITMOS, VIVÊNCIAS E PERCEPÇÕES DA NOITE NA ÉPOCA MODERNA***

Livro de Resumos | Book of Abstracts



Comissão Organizadora

André Filipe Godinho | Andreia Fontenete Louro
Catarina dos Santos Viegas | César Pedro Rodrigues
Miguel Filipe Saraiva | Raquel Gomes Justo

17 e 18 de Abril de 2018

NOVA FCSH, Auditório 1, Torre B | Avenida de Berna, 26C, Lisboa

“Lembrar-me-ei desta noite, nem que viva mil anos”¹:

Ritmos, Vivências e Percepções da Noite na Época Moderna

Livro de Resumos | Book of Abstracts

Comissão Organizadora

André Filipe Godinho | Andreia Fontenete Louro

Catarina dos Santos Viegas | César Pedro Rodrigues

Miguel Filipe Saraiva | Raquel Gomes Justo

Comissão Científica

Ana Isabel Buescu | António Camões Gouveia

João Paulo Oliveira e Costa | Pedro Almeida Cardim

17 e 18 de Abril de 2018

NOVA FCSH, Auditório 1, Torre B | Avenida de Berna, 26C, Lisboa



CHAM
CENTRO DE
HUMANIDADES
UID/HIS/04666/2013

¹ Excerto retirado de uma das cartas de Filipe II às suas filhas, a propósito do segundo aniversário da morte de Ana de Áustria, sua quarta mulher. In Fernando Bouza Álvarez (org., introd. e notas), *Cartas para Duas Infantas Meninas. Portugal na Correspondência de D. Filipe I para suas Filhas (1581-1583)*, António Hespanha (apres.), Lisboa, Publicações D. Quixote, 1999, p. 174.

FICHA TÉCNICA DO LIVRO DE RESUMOS

Título:

«Lembrar-me-ei desta noite, nem que viva mil anos»: Ritmos, Vivências e Percepções da Noite na Época Moderna. Título da conferência. Livro de resumos / Book of abstracts

Coordenação / Organização:

André Filipe Godinho, Andreia Fontenete Louro, Catarina dos Santos Viegas, César Pedro Rodrigues, Miguel Filipe Saraiva, Raquel Gomes Justo

Autores: Vários

Design: Andreia Fontenete Louro

Imagem da capa: Francesco Piranesi e Louis-Jean Desprez, *The Girandola at the Castel Sant'Angelo*, 1784, Metropolitan Museum of Art (Nova Iorque).

Edição:

CHAM — Centro de Humanidades
Faculdade de Ciências Sociais e Humana / Universidade NOVA de Lisboa
Universidade dos Açores E: cham@fcsch.unl.pt | W: <http://www.cham.fcsch.unl.pt>

Local e data de publicação: Lisboa, 18 de Abril de 2018

© CHAM e Autores.

Copyright:

Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída sob uma Licença Internacional Creative Commons Attribution 4.0 (CC BY 4.0).

Apoios:

Este evento e esta publicação tiveram o apoio do CHAM / NOVA FCSH—UAc, através do projecto estratégico financiado pela FCT (UID/HIS/04666/2013).



FICHA TÉCNICA DO EVENTO

Título:

«Lembrar-me-ei desta noite, nem que viva mil anos”: Ritmos, Vivências e Percepções da Noite na Época Moderna

Comissão Organizadora:

André Filipe Godinho, Andreia Fontenete Louro, Catarina dos Santos Viegas, César Pedro Rodrigues, Miguel Filipe Saraiva, Raquel Gomes Justo

Comissão Executiva:

André Filipe Godinho, Andreia Fontenete Louro, Catarina dos Santos Viegas, César Pedro Rodrigues, Miguel Filipe Saraiva, Raquel Gomes Justo

Comissão Científica:

Ana Isabel Buescu, António Camões Gouveia, João Paulo Oliveira e Costa, Pedro Almeida Cardim

Apoio à organização:



APRESENTAÇÃO

A dualidade da noite é uma realidade de todos os tempos e de todas as civilizações. A chegada da escuridão sempre alterou os ritmos da vida humana, intimamente relacionados com o ciclo da luz natural. Para a generalidade da sociedade, o pôr-do-sol anuncia abrandamento e recolhimento, à medida que o dia de trabalho dá lugar às horas de descanso. Mas, na sua outra face, a noite fomenta divertimentos, intimidades e vícios que lhe são próprios. Para uns, surgem oportunidades para o segredo, a insubordinação ou o desvio. Para outros, as trevas e os seus mistérios inspiram a devoção, a introspecção ou o temor.

Lugar destas vivências contrastantes, a noite gera percepções complexas e contraditórias. Podemos detectá-las na acção dos poderes, nas crenças religiosas, nas representações artísticas, na cultura letrada e em momentos rituais e do quotidiano.

Estas realidades podem ser analisadas sob os mais variados pontos de vista – da antropologia aos estudos literários, da filosofia à história da arte, entre tantos outros. Assim, em resposta à escassez de produção historiográfica especificamente dedicada à noite, propomos uma perspectiva histórica centrada na Época Moderna (séculos XV a XVIII).

Concebemos quatro painéis com base em questões que julgamos úteis a uma primeira sondagem do tema: quais as relações e articulações entre os poderes e a noite? Que traços estéticos e simbólicos da noite surgem na arte, nas festas e nas devoções? Que reflexões e desvios nos comportamentos e crenças são suscitados pelo recolhimento nocturno? Nas ruas, que personagens e dinâmicas habitam e configuram a noite?

Com a troca de ideias proposta por este inquérito, procuramos dar azo a uma exploração da noite na Época Moderna que, longe de definitiva, queremos inovadora e historiograficamente pertinente.

PROGRAMA

17 de Abril

9h30 – Apresentação: Francisco Caramelo (Director da NOVA FCSH), Pedro Almeida Cardim (Subdirector do CHAM), Edite Alberto (Coordenadora do Grupo de Investigação Sociedade, Política e Instituições do CHAM), Ana Isabel Buescu (Membro da Comissão Científica do colóquio), Andreia Fontenete Louro (Membro da Comissão Organizadora do colóquio)

Os Poderes e a Noite

Moderação: Pedro Almeida Cardim (CHAM-FCSH/NOVA)

9h50 – Catarina dos Santos Viegas (NOVA FCSH) e Raquel Gomes Justo (NOVA FCSH) – *Noites cristianíssimas e fidelíssimas: os hábitos nocturnos do Rei Sol e do Rei Magnânimo*

10h10 – Ana Isabel Buescu (CHAM/NOVA FCSH) – *A realeza e a noite. Cerimónias da monarquia (1490-1572)*

10h30 – Debate

10h50 – Pausa

11h10 – Ana Leal de Faria (CH-FLUL) – *Paris de noite e noites de um diplomata em Paris: Duarte Ribeiro de Macedo, 1668-1676*

11h30 – Nuno Gonçalo Monteiro (ICS-FLUL) – *A noite dos «duelistas»: padrões de violência urbana em Lisboa. Breves notas*

11h50 – Paulo Dias (CHAM/NOVA FCSH) – *“Ó noite má pera quem t'aparelhas”: A noite em contexto militar (séculos XV e XVI)*

12h10 – Debate

12h30-13h50 – Almoço livre

À Noite, nas Ruas

Moderação: Ana Paula Avelar (CHAM-FCSH/NOVA)

13h50 – César Pedro Rodrigues (NOVA FCSH) e Miguel Saraiva (NOVA FCSH) – *A noite flutuante: introdução aos quartéis de prazer no Japão Moderno*

14h10 – José Pedro Paiva (CHSC-FLUC) – *À noite há bruxas? O simbolismo nocturno no mito da bruxa europeia na Época Moderna*

14h30 – Isabel dos Guimarães Sá (ICS-UM) – *A noite e os seus interditos (séculos XVI-XVIII)*

14h50 – Debate

15h10 – Amândio Barros (CITCEM-FLUP) – *“Com uma candeia que lhe ilumine o rosto”. Notas sobre a noite numa cidade portuária dos séculos XV e XVI*

15h30 – Rosa Fina (CLEPUL/FLUL) – *À procura das personagens da noite lisboeta, entretecendo mito, literatura e história (séculos XVIII e XIX)*

15h50 – Debate

16h10 – Fim dos trabalhos

18 de Abril

A Noite no Espaço Privado

Moderação: Isabel dos Guimarães Sá (ICS-UM)

10h00 – Maria Paula Marçal Lourenço (CH-FLUL) – *Entre as sociabilidades “lícitas” e “ilícitas” dos Reis de Portugal (segunda metade do século XVII-século XVIII): espaços, vivências e intimidades nocturnas.*

10h20 – António Camões Gouveia (CHAM/NOVA FCSH) – *Da noite das Regras à noite dos sentidos*

10h40 – Debate

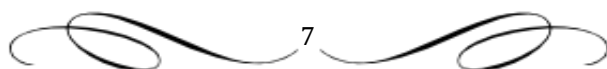
11h00 – Pausa

11h20 – Carlos de Almeida Franco (CITAR-UCP) – *Penumbra e silêncio, luz e festa: as longas noites nas casas nobres no final do Antigo Regime*

11h40 – Ana Marques Pereira (Garfadas Online) – *Medianoche e outras refeições nocturnas*

12h00 – Debate

12h20-13h30 – Almoço livre



Encenações e Representações

Moderação: Ana Leal de Faria (CH-FLUL)

13h30 – André Filipe Neto (CHAM/NOVA FCSH) e Sara Bravo Ceia (CHAM/NOVA FCSH) – *Preencher a noite: aproximações ao barroco quotidiano*

14h10 – André Filipe Godinho (NOVA FCSH) e Andreia Fontenete Louro (NOVA FCSH) – *“Os lumes das noites emulavam o céu nas estrelas”: a iluminação festiva nos séculos XVI e XVII*

14h30 – Debate

14h50 – Isabel Monteiro (Dolcimelo) – *Músicos na noite (séc. XVI): indesejáveis ou indispensáveis?*

15h10 – Ana Paula Avelar (CHAM/NOVA FCSH) – *Do cronotopo da noite na cronística portuguesa de Quinhentos*

15h30 – Carla Alferes Pinto (CHAM/NOVA FCSH) – *A noite que se instala: A lírica de Camões e os relatos da morte da Infanta D. Maria (Outubro de 1577)*

15h50 – Debate

16h10 – Pausa

16h30 – Mesa Redonda moderada por Ana Isabel Buescu (CHAM/NOVA FCSH), com Ana Paula Avelar (CHAM/NOVA FCSH), António Camões Gouveia (CHAM/NOVA FCSH), Maria Paula Marçal Lourenço (CH-FLUL) e Pedro Almeida Cardim (CHAM/NOVA FCSH)

17h30 – Debate

18h00 – Encerramento dos trabalhos

CATARINA DOS SANTOS VIEGAS

FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

RAQUEL GOMES JUSTO

FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Catarina dos Santos Viegas é licenciada em História pela NOVA FCSH. Estagiou na Biblioteca da Ajuda, onde inventariou e contextualizou folhetos da época de D. João V existentes na instituição. Terminou a sua pós-graduação em História Moderna e dos Descobrimentos em 2017 e está, neste momento a elaborar a sua dissertação de mestrado, intitulada *Correspondência de Salvador Tabora Portugal (Penamacor, 1627- Paris, 8 Dez 1690), Enviado Especial a França, na Corte de Luís XIV: Temáticas e Momentos Vividos*.

Raquel Gomes Justo é licenciada em História pela NOVA FCSH. Interessa-se, principalmente, pela arte, cultura e sociedade dos séculos XVII e XVIII, não só em Portugal como noutros locais da Europa. Em 2017, terminou a sua pós-graduação em História Moderna e dos Descobrimentos, estando, neste momento, dedicada à sua dissertação de mestrado sobre D. João V, cujo título é *Rei Morto, Rei Posto: Cerimónia de Juramento de D. João V o novo monarca português*, onde estuda não só a cultura política envolvente como aspectos da sociedade, da hierarquia, da corte e do cerimonial.

Noites cristianíssimas e fidelíssimas: os hábitos nocturnos do Rei Sol e do Rei Magnânimo

A corte é, por excelência, o espaço de representação do poder no Antigo Regime, tendo o monarca o papel principal. Nesse sentido procuramos explorar os hábitos nocturnos na corte francesa de Luís XIV, com todo o seu cerimonial e protocolo, e contrapô-los às noites condenáveis, mas apaixonantes, de D. João V, rei de Portugal, quando visitava as suas amantes. Quão diferentes são? Por um lado acompanhamos uma corte apelidada por Norbert Elias, como uma sociedade por si só, ritualizando o privado e tornando-o público. Por outro, emerge uma corte que, apesar de formal, reservava a esfera privada do rei dando espaço ao mesmo para manter comportamentos desviantes.

ANA ISABEL BUESCU

CHAM e Departamento de História, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Ana Isabel Buescu é professora do Departamento de História e investigadora do CHAM NOVA. É especialista em Cultura e Mentalidades da Época Moderna, e tem dedicado os seus estudos às cerimónias e práticas da corte portuguesa, aspectos do quotidiano como alimentação, infância, educação e ainda representações e imagens do poder. Dos seus vários livros, capítulos e artigos destacam-se *Imagens do Príncipe. Discurso Normativo e Representação (1525-1549)* (1997), a sua tese de doutoramento; as biografias *D. João III* (2005) e de *D. Catarina de Áustria, Infanta de Tordesilhas, Rainha de Portugal* (2007); *Na corte dos reis de Portugal* (2010); e *A Livraria Renascentista de D. Teosósio I, duque de Bragança* (2016).

A realeza e a noite. Cerimónias da monarquia (1490-1572)

Esta comunicação não é pensada como um resultado acabado mas, pelo contrário, como uma reflexão em aberto sobre um campo inexplorado entre nós sob o ponto de vista historiográfico.

Haverá, no entanto, um fio condutor que é o da sondagem, a partir de fontes quinhentistas, do lugar da noite nas práticas e nas cerimónias da monarquia, quer sob o ponto de vista político, quer no que respeita a momentos cerimoniais marcados quer pela festa quer pela morte régia.

ANA LEAL DE FARIA

CH, Universidade de Lisboa

Ana Leal de Faria é historiadora e professora jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A sua tese de doutoramento centra-se na história da diplomática e das relações externas portuguesas, brasileiras e europeias, tema que, ainda hoje, é a sua principal área de investigação. Tem vários estudos publicados e recebeu os prémios Aristides de Sousa Mendes, da Associação Sindical dos Diplomatas Portugueses, em 2004, e o prémio Calouste Gulbenkian de História Moderna e Contemporânea de Portugal, Academia Portuguesa da História, em 2009.

Paris de noite e noites de um diplomata em Paris: Duarte Ribeiro de Macedo, 1668-1676

A noite marca presença na correspondência diplomática. De noite se recebem e se escrevem cartas. De noite se dão notícias urgentes ao rei, boas ou más, para evitar que outros as recebam primeiro. De noite se celebram batizados e casamentos com as costumadas luminárias e fogo de artifício. De noite se realizam banquetes, bailes e espetáculos teatrais. A noite é propícia aos serões de jogo, aos encontros secretos, à intriga política. A noite encobre brigas, roubos e toda a espécie de crimes. A violência testemunha uma situação social conflituosa que encontra palco na cidade barroca onde circula abundante número de vagabundos, pícaros, ladrões, gente disposta à violência e à novidade.

Trata-se, nesta comunicação, de analisar a noite na corte e a noite na rua através das notícias e das propostas que chegaram a Portugal, fruto da vivência de nove anos em Paris de um diplomata – Duarte Ribeiro de Macedo – que exemplarmente cumpriu o seu dever de informação. Discute-se a apropriação da noite pelo poder à busca dos mais variados meios para conduzir os homens e os manter integrados no sistema social.

NUNO GONÇALO MONTEIRO

ICS, Universidade de Lisboa

Nuno Gonçalo Monteiro é investigador coordenador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. As suas investigações centram-se, em grande parte, em diversas esferas da vivência aristocrática, dos finais da Época Moderna até ao período do Liberalismo Português. Coordenador de inúmeros projectos e com vasta obra publicada, em Portugal e no estrangeiro, podemos salientar, dos seus trabalhos, *O Crepúsculo dos Grandes. A Casa e o Património da Aristocracia em Portugal (1750-1834)* (1998), *Elites e Poder. Entre o Antigo Regime e o Liberalismo* (2003) ou, ainda, *D. José. Na sombra de Pombal* (2006).

A noite dos «duelistas»: padrões de violência urbana em Lisboa. Breves notas

Duas dimensões das noites de Lisboa nos séculos XVII e XVIII se cruzam nesta intervenção: a frequência dos enfrentamentos armados e a omnipresença dos grandes senhores e suas numerosas «famílias». Embora tais conflitos não se desenrolassem apenas de noite e tivessem paralelos em muitos outros cenários urbanos europeus, procurar-se-á discutir até que ponto revestiram características específicas. Por fim, debater-se-ão as intervenções da monarquia na regulação destas ocorrências que, embora se tenham prolongado no tempo, parecem tornar-se menos frequentes na segunda metade de setecentos.

PAULO DIAS

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Paulo Dias é licenciado em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e mestre em História Moderna e Descobrimientos na mesma instituição (2015). Interessa-se por História Política e Militar, e integra, enquanto assistente de investigação, o grupo Sociedade, Política e Instituições, do CHAM NOVA. É co-autor dos livros *História de Portugal* (2016) e *A Vida e os Feitos dos Navegadores e Descobridores ao Serviço de Portugal (1419-1502)* (2017). A sua dissertação de mestrado, *A conquista de Arzila pelos Portugueses – 1471* (2015), venceu o Prémio Defesa Nacional, em 2016, atribuído pela Comissão Portuguesa de História Militar.

“Ó noite má pera quem t’aparelhas”: a noite em contexto militar (séculos XV e XVI)

Na noite de 20 de Janeiro de 1464, a hoste portuguesa que se dirigia a Tânger para tentar a conquista surpresa da cidade avistou nos céus norte-africanos um cometa que, pelo rasto de chamas que deixava no seu caminho, se assemelhava a um dragão. O fenómeno natural foi desde logo entendido como um mau presságio, conforme se percebe pela reacção do fidalgo Gomes Freire de Andrade: “Ó noite má, pera quem te aparelhas”. Com ou sem presságio, o facto foi que o ataque correu desastrosamente mal para as forças portuguesas, que, entre mortos e cativos, perderam centenas de homens.

A presente comunicação analisa a forma como a noite era encarada nos séculos XV e XVI pelos guerreiros que participavam nas mais variadas acções armadas. Procura-se compreender dois pontos principais: em que medida é que a noite propiciava ou prejudicava a condução de operações militar de maior ou menor escala, como por exemplo as numerosas cavalgadas dos capitães portugueses em Marrocos contra aldeias islâmicas ou os cercos frequentemente impostos pela hoste do sultão de Fez; e de que forma é que a escuridão nocturna tinha um impacto na psíque dos guerreiros, conforme exemplificado pela referida aparição do cometa em 1464.

CÉSAR PEDRO RODRIGUES

FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

MIGUEL FILIPE SARAIVA

FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

César Pedro Rodrigues é licenciado em História pela NOVA FCSH, instituição onde actualmente é aluno de mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos, estando a trabalhar na sua dissertação de mestrado: *A Guerra que é Justa: a Teoria da Guerra Justa em Portugal (1500 - 1555)*. Os seus interesses investigativos focam-se nas esferas culturais, sociais e políticas na Época Moderna, no contexto do reino português, mas também do seu império, bem como nas várias relações estabelecidas entre estes dois últimos com outros territórios extra-europeus.

Miguel Filipe Saraiva é licenciado em História e mestrando na especialidade História Moderna e dos Descobrimentos pela NOVA FCSH. O estudo da língua e uma breve residência de 4 meses despertaram o interesse pelo estudo da política, cultura e mentalidades do Japão Moderno. O seu trabalho académico tem focado o final da presença portuguesa no território nipónico, estando, neste momento, a elaborar a dissertação de mestrado, intitulada *Um Livro Fantasma: Christiani pueri institutio (Macau, 1588)*, sob a orientação do Professor João Alves Dias.

A noite flutuante: introdução aos quartéis de prazer no Japão Moderno

O trabalho que se segue pretende ser uma introdução ao estudo dos bairros de entretenimento nocturno do Japão nos séculos XVI-XVII. Começaremos por traçar o desenvolvimento da profissionalização da troca sexual, desde a Pré-História à institucionalização dos *Yūkaku* no Período Edo. Em seguida, faremos o retrato arquétipo da arquitectura, da constituição social e das logísticas destes distritos com base nas fontes artísticas, literárias e históricas referentes a Yoshiwara, Shimachi e Shimabara.

Por último, Confrontaremos o ideal da arte e literatura do *Mundo Flutuante* (*Ukiyō-e* e *Ukiyō zōshi*) com a realidade patente nas denúncias dos contemporâneos e reproduzida na historiografia posterior.

Ao final, esperamos ter oferecido uma visão clara dos vícios e transgressões da Noite do Japão Moderno e ter exposto as fontes de base para quem queira iniciar-se no estudo.

JOSÉ PEDRO PAIVA

CHSC, Universidade de Coimbra
CEHR, Universidade Católica Portuguesa

José Pedro Paiva é professor na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do CHSC da Universidade de Coimbra e do CEHR da Universidade Católica Portuguesa. Especialista em História Religiosa, Cultura Portuguesa e História da Inquisição, faz parte da comissão científica internacional que publicou o *Dizionario Storico dell'Inquisizione* (2010) e é coordenador científico da obra *Portugaliae Monumenta Misericordiarum*, que conta já com oito volumes editados. Das várias obras que tem publicadas, destacamos *Bruxaria e superstição num país sem caça às bruxas: 1600-1774* (1997), *Religious ceremonials and images: power and social meaning (1400-1750)* (2002), *Os bispos de Portugal e do Império (1495-1777)* (2006) e *História da Inquisição Portuguesa (1536-1821)*, em parceria com Giuseppe Marocci (2013).

À noite há bruxas? O simbolismo nocturno no mito da bruxa europeia na Época Moderna

É sabido que, por toda a Europa, durante a Época Moderna, e de forma especialmente vigorosa nas suas regiões mais setentrionais e centrais, se assistiu a um ambiente generalizado de pavor e repressão das bruxas, por norma, designadas no feminino. Estas, de acordo com as crenças mais generalizadas em circulação, reunir-se-iam em assembleias ditas sabat, e tinham poderes extraordinários que lhes permitiriam provocar tanto calamidades naturais como a doença e a morte aos humanos e animais.

Nesta comunicação visa-se analisar por que motivos a noite surge como contexto dominante das narrativas do mito da bruxa na Época Moderna. Partindo de algumas descrições de acusações de bruxaria em processos inquisitoriais e de visitas pastorais portuguesas, bem como de representações pictóricas produzidas na Europa entre os séculos XV e XVII, visa-se apurar por que modos e por que motivos a noite era o tempo privilegiado para as supostas atividades das bruxas.

ISABEL DOS GUIMARÃES SÁ

ICS, Universidade do Minho

Isabel Dos Guimarães Sá é professora associada com agregação na Universidade do Minho. Trabalha, actualmente, sobre a cultura material na sociedade portuguesa. É autora de diversos livros, entre os quais *Quando o rico se faz pobre: Misericórdias, caridade e poder no império português, 1500-1800* (1997) e *As Misericórdias Portuguesas de D. Manuel I a Pombal* (2001). Foi co-coordenadora da colecção de livros «Rainhas de Portugal», publicada pelo Círculo de Leitores, tendo escrito para a mesma as biografias de D. Leonor de Lencastre (2016), D. Isabel e D. Maria de Castela e Aragão (2012). O seu mais recente livro intitula-se *O Regresso dos Mortos. Os doadores da Misericórdia do Porto e a Expansão Oceânica (séculos XVI-XVII)*, a publicar pela Imprensa de Ciências Sociais.

A noite e os seus interditos nos espaços públicos (séculos XVI-XVIII)

Saber com precisão o que se podia e não podia fazer durante a noite é o objetivo desta comunicação. Os rituais, quase todos religiosos, prescreviam uma série de interditos a atos considerados fulcrais na vida dos católicos: não havia baptismos solenes de noite nem se podiam realizar enterros, ainda que algumas celebrações litúrgicas fúnebres nela tivessem lugar, como os ofícios de nove lições, que deveriam ocupar os velórios. Da mesma forma, as leis civis impediam os homens de andarem armados depois do sino do correr, e no século XVI as confrarias de Misericórdia obtiveram privilégios no sentido de isentar os irmãos dessa proibição quando andassem ao seu serviço. Este e outros aspetos serão discutidos, com o objetivo de entender melhor não só as regras em si mesmas, mas também os significados que a noite assumia na vida pública das comunidades.

AMÂNDIO BARROS

CITCEM, Universidade do Porto

Amândio Barros é professor da Escola Superior de Educação do Porto. Tem desenvolvido grande parte da sua carreira na Universidade do Porto, onde também é investigador do CITCEM, um centro de investigação ligado a esta instituição. Tem várias obras publicadas, sobretudo nas áreas de História da Expansão e História da Cidade do Porto e do rio Douro. Destaquemos a sua tese de doutoramento *Porto. Construção de um espaço marítimo nos alvares dos tempos modernos* (2004), mas também *Cartas da Índia. Correspondência privada de Jorge de Amaral e Vasconcelos (1649-1656)* (2011) e *O Homem Que Navegou o Mundo. Em busca das origens de Magalhães* (2015).

“Com uma candeia que lhe ilumine o rosto”. Notas sobre a noite numa cidade portuária dos séculos XV e XVI

Este trabalho tem por objectivo pensar a noite numa cidade portuária. Perceber alguns dos seus quotidianos relacionados com a noite - marginalidade e criminalidade, circulação e trabalho. A importância deste porto fez dele também um alvo, em momentos de crise ou de confronto. Assim, há relatos de acontecimentos que tiveram lugar depois de o sol de pôr, importando, por isso, reflectir sobre o impacte que eles tiveram na memória da cidade. Noutra sentido, e porque se trata de uma comunidade de senhorios de navios, tentar perceber até que ponto a vida a bordo das embarcações que partiam rumo a vários destinos, na Europa e no ultramar, incluía também esta componente 'nocturna'.

ROSA FINA

CLEPUL, Universidade de Lisboa
ICS, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa
CICS, Universidade NOVA de Lisboa

Rosa Fina é licenciada em Estudos Portugueses, mestre em Ciências da Cultura-Cultura Artística e doutorada em História Contemporânea (2016), tendo feito este seu percurso na Universidade de Lisboa. A sua tese de doutoramento focou-se na história da noite em Portugal, além de ter diversas publicações e comunicações nacionais e internacionais mostrando os resultados do seu trabalho acerca deste tema. Actualmente, é bolseira de investigação num projecto do CLEPUL, onde, paralelamente, continua a desenvolver os seus estudos sobre a noite. É colaboradora do Instituto de História Contemporânea e, desde 2016, no projecto LxNights, coordenado pelo Doutor Jordi Nofre (CICS.Nova).

À procura das personagens da noite lisboeta, entretecendo mito, literatura e história (séculos XVIII e XIX)

No território alegadamente maldito da noite, encontramos algumas personagens recorrentes e reincidentes, que, na sua actuação, nos ajudam a compreender melhor como funcionariam as dinâmicas sociais nestes territórios. Estas personagens subdividem-se essencialmente em três grupos: os que eram efectivamente marginalizados pela sociedade e encontravam na noite o seu espaço/tempo de vivência mais favorável; os que se sentiam fascinados por este mundo mais transgressor, não pertencendo obrigatoriamente à franja da sociedade (muito pelo contrário, não raras vezes), atraídos pela curiosidade e pela possibilidade de satisfação dos desejos mais recônditos; os trabalhadores nocturnos, mais ou menos oficiais, ou seja, aqueles que exploravam comercialmente a noite. Por outro lado, há que considerar as personagens imaginárias ou mitológicas que, de tão presentes nas narrativas de então, dão o seu contributo para a interpretação do mundo nocturno setecentista e oitocentista. Abordaremos também as mudanças que os avanços técnicos imprimiram (ou não) nestas personagens.

MARIA PAULA MARÇAL LOURENÇO

CH, Universidade de Lisboa

Maria Paula Marçal Lourenço é Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro do Centro de História da mesma instituição. Para além da participação em projectos e congressos em Portugal e no estrangeiro, foi a coordenadora principal da área de História Moderna da candidatura de Óbidos a Património Histórico da Humanidade. Recebeu, em 2005, o prémio Fundação Calouste Gulbenkian de História Moderna e Contemporânea instituído pela Academia Portuguesa da História e atribuído à obra *A Casa das Rainhas de Portugal (1640-1754). Instituições, Poderes e Relações Sociais*.

A sua investigação centra-se, primordialmente, no estudo das casas senhoriais, com especial relevo para as casas da Família Real e, recentemente, tem-se dedicado ao estudo do quotidiano e práticas da Corte dos Reis de Portugal.

De entre os seus trabalhos, destacamos: *A Casa e o Estado do Infantado (1654-1704): Formas e Práticas Administrativas de um Património Senhorial* (1995); *D. Pedro II, O Pacífico (1648-1706)* (2007); *Amantes dos Reis de Portugal*, (2008); *D. Afonso VI. O Vitorioso (1656-1683)* (2009); *Rainhas no Portugal Moderno. Casa, Corte e Património* (2012); e *D. Luísa de Gusmão (1613-1666). Restaurar, Reinar e Educar*, (2012).

Entre as sociabilidades “lícitas” e “ilícitas” dos Reis de Portugal (segunda metade do século XVII-século XVIII): espaços, vivências e intimidades nocturnas

É objectivo desta comunicação apresentar alguns elementos para a compreensão das sociabilidades lícitas entre monarcas e consortes régias e, sobretudo, das aventuras amorosas dos mesmos. Neste sentido, escolhemos alguns dos monarcas da dinastia brigantina para, numa sondagem prévia e inédita, dar a conhecer os espaços, as vivências e intimidades no espaço privado nocturno. Atendendo à escassez da produção historiográfica em torno de um tema tão aliciante como o estudo dos ritmos e percepções da noite na Época Moderna, possuímos a clara consciência do carácter iniciático e ardiloso da proposta desta apresentação, numa matéria de carácter íntimo, mas obscuro, e exactamente, por isso, de escasso e esporádico registo documental. Daí que procederemos à abordagem possível, neste texto, dentro do quadro de um conjunto de informações disponíveis e necessariamente provisórias, mas de que estamos convictos tratar-se de um contributo prévio para o aprofundamento de uma temática inovadora.

ANTÓNIO CAMÕES GOUVEIA

CHAM e Departamento de História, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa
CEHR, Universidade Católica Portuguesa

António Camões Gouveia é professor do Departamento de História da NOVA FCSH. No seu percurso profissional tem-se centrado em temas dos séculos XV a XVIII, como dimensões do religioso, grupos sociais, sociabilidades e culturas materiais, mas também em questões de prática cultural, programação e património. Actualmente, é investigador do CHAM NOVA e do CEHR, da UCP. De entre as suas várias publicações destacamos os artigos “D. Francisco Manuel de Melo, um nobre entre nobres” (*Ler História*, 1986), “Dor e amor em Frei Tomé de Jesus” (FLUP, 2002), “Como a cortiça a Cultura vem sempre ‘ao de cima’. Traços de um esboço de programação de Cultura (Fundação Robinson, 2007) e “Algumas estruturas do culto mariano em Portugal: sentimentos, práticas e difusão” (CMCoruche, 2017), além da colaboração em vários volumes das obras *Diconário* e *História Religiosa de Portugal* (Círculo de Leitores).

Da noite das Regras à noite dos sentidos

As comunidades monástico-conventuais instalaram-se na *Noite* como um tempo ordenado de construção de vida cristã por meio da oração, melhor, de acesso ao Deus perceptível nas narrativas da Bíblia. Esse tempo comunitário foi sendo regrado por um conjunto oracional determinado e de construção formal fixa, nascido na leitura em alta voz, tendo por espaço próprio o coro. O sistema assim instalado pelas Regras criou uma matriz vocal que acentuou tonalidades textuais encadeadas e repetidas em todas as *Noites* ao longo da vida de cada comunidade.

A estrutura deste corpo formal, por outro lado, nunca deixou de consentir a meditação, auto-centrada e de auto-análise, que o silêncio e a penumbra da *Noite* facilitavam. Com o avanço da relação de proximidade homem-Cristo e com as afirmações antropológicas que as Reformas desenharam, todo este controlo da *Noite* pela oração permitiu novas atitudes interioristas de oração, de descoberta e de vivências de Deus.

Uma *Noite* comunitária e formal, uma *Noite* individual e sensitiva. Crentes religiosos de tempos diferentes, formas diferentes de viver e pensar a *Noite*.

CARLOS DE ALMEIDA FRANCO

CITAR, Universidade Católica Portuguesa

Carlos De Almeida Franco é licenciado em História, Mestre em Artes Decorativas e doutorado em Estudos do Património. Actualmente é investigador do CITAR-UCP. Tem participado em cursos, acções de formação e conferências relacionadas com o estudo dos interiores decorativos e as vivências domésticas nos séculos XVIII e XIX. Publicou diversos artigos acerca desta temática e é autor dos livros *O mobiliário das elites de Lisboa na segunda metade do século XVIII* (2007), *Casas das elites de Lisboa objectos, interiores e vivências 1750-1830* (2015) e, em co-autoria, *Madame Burnay “modista da Real Casa” modas e figurinos de Oitocentos* (2017).

Penumbra e silêncio, luz e festa: as longas noites nas casas nobres no final do Antigo Regime

Na residência nobre lisboeta, no final do Antigo Regime, vive-se diariamente o bulício inerente à existência de muitos criados e de múltiplos servidores da casa que ali se deslocavam para prestar serviços diversificados. No final do dia, após as “ave-marias”, impõe-se uma outra organização do espaço interior, bem como dos percursos dos seus habitantes.

Nos dias comuns fecham-se portas e iluminam-se escassamente algumas escadas e corredores. Predomina a penumbra e os diversos grupos organizam-se em torno das zonas da residência que lhes estão, previamente, destinadas. Em dias de festa, porém, tudo se transforma. A azáfama substitui o silêncio. A encenação das principais salas quebra a ordem decorativa existente. A hospitalidade dá lugar à sociabilidade.

Nesta comunicação pretendemos, por um lado, relatar alguns hábitos que ocorrem à noite, procurando a vida nos estreitos corredores, nos quartos de dormir e pequenas salas anexas. Por outro lado, relevaremos os preparativos necessários aos dias de festa, a teatralização da residência e o conseqüente regresso à normalidade.

ANA MARQUES PEREIRA

Garfadas Online

Ana Marques Pereira é licenciada em Medicina pela Universidade de Lisboa e especialista em Hematologia Clínica, com vários livros, artigos e capítulos médicos e históricos publicados. É investigadora na área de História da Alimentação, trabalho do qual resultam publicações como *Cozinhas. Espaço e Arquitectura* (2007), *Receitas e Truques para Doentes Oncológicos* (2009), *Mesa Real. Dinastia de Bragança* (2012), *A manteiga em Portugal* (2012), *Licores de Portugal* (2013) ou *Do comer e do falar... Tudo vai de começar* (2015). É responsável pelo blogue Garfadas Online, onde regularmente aborda questões relativas às suas áreas de estudo.

Medianoche e outras refeições nocturnas

Até há poucas décadas, quando se divulgou a electricidade, o homem habituou-se a viver de acordo com a luz solar. O ritmo de actividade e as refeições eram feitas predominantemente na primeira parte do dia. Estas, se bem que tivessem praticamente as mesmas designações de hoje, tinham significados e horários diferentes. O *almoço* era a primeira refeição do dia, ao raiar do sol, e o *jantar* tinha lugar ao fim da manhã, em horas diferentes consoante os séculos e o extracto social. Com o tempo o jantar foi ficando mais tardio e, nas classes mais privilegiadas intercalava-se a *merenda*, uma refeição ligeira. Quanto à *ceia*, a refeição da noite, não era para todos. No século XVIII o dia que antecedia o rigoroso jejum da Sexta-feira Santa designava-se *Quinta-feira da ceia* ou Quinta-feira Santa. Neste caso, a ceia precedia o dia em os católicos deviam cumprir o rigor da abstinência, tal como defendido pela Igreja. Mas noutras situações a ceia tinha lugar após o final do jejum quaresmal, como as ceias designadas *medianoche*, que estiveram em voga no século XVIII em vários países da Europa.

Fora do contexto religioso os banquetes nocturnos foram usados como forma de expressão de poder e ostentação. Os divertimentos nocturnos seguidos de ceias aumentavam em muito os custos, devido ao grande consumo de cera, mas tornavam mais requintados os banquetes em que as baixelas de prata que cobriam as mesas brilhavam ainda mais sob a luz das velas.

ANDRÉ FILIPE NETO

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

SARA BRAVO CEIA

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

André Filipe Neto é mestre em História Moderna e dos Descobrimentos e investigador correspondente do CHAM NOVA. Participou como bolseiro no projecto E-Viterbo e no grupo «As Artes e e Expansão Portuguesa». Interessa-se pela produção cultural e artística do segundo barroco português e na sua dinâmica com os diferentes cenários institucionais e sociais, da qual destacamos a tese de mestrado "*Se bem me quer João, suas obras dirão*": *Aproximações ao conceito de obras de majestade de D. João V* (2017) e o artigo "Interceder pelo monarca: a Irmandade da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco", publicado em *Maфра Sacra - Memória e Património* (2017).

Sara Bravo Ceia é licenciada em História e mestre em História Moderna e dos Descobrimentos pela NOVA FCSH, com a dissertação *Os Académicos Teatinos no tempo de D. João V: construir saberes enunciando poder* (2011). Neste momento, é doutoranda em História Moderna, na mesma instituição. Dedicar-se ao estudo de uma multiplicidade de temas, concernentes, sobretudo, aos séculos XVII e XVIII. Os seus interesses agregam os vários géneros de ligações culturais e sociais estabelecidas entre os indivíduos e as instituições existentes na época.

Preencher a noite: aproximações ao barroco quotidiano

Com esta comunicação procuramos preencher a noite como se de uma composição de um quadro ou esboço de cenários possíveis se tratasse. O esboço de um quadro onde a luz repousa sobre objectos e se estende pelas vivências, atitudes e representações, nos seus usos, funcionalidades e nos espaços que cria. Recuperando olhares que nos antecedem, diversos nas suas cronologias, tentaremos treinar o olhar para (re)ler esses objectos.

Assim, pretendemos que os objectos, as materialidades que escolhemos sublinhar nos ajudem a surpreender momentos, posturas e representações mas também aflorar fazeres sociais e rituais; que nos consintam pensar a noite como espaço temporal e social e que nos permitam aprofundar topos e temas incontornáveis da(s) cultura(s) do(s) barroco(s).

ANDRÉ FILIPE GODINHO

FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

ANDREIA FONTENETE LOURO

FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

André Filipe Godinho é licenciado em História pela NOVA FCSH, onde se encontra a terminar o mestrado em História Moderna e dos Descobrimentos. Interessa-lhe o estudo da política, cultura e sociedade dos reinos ibéricos durante os séculos XVI e XVII. De momento, procura cruzar estas vertentes com a análise das festividades da época, nomeadamente na sua dissertação: *Gigantes, enigmas e névoas – a entrada de D. Filipe I em Lisboa, 1581*.

Andreia Fontenete Louro é licenciada em História, pela NOVA FCSH. Já participou em vários projectos de investigação, nomeadamente do CHAM. Interessa-se, sobretudo, pela cultura, sociedade e política do Portugal Renascentista. Em 2017, terminou a sua pós-graduação em História Moderna e dos Descobrimentos e, neste momento, dedica-se à sua dissertação de mestrado, intitulada *Um Casamento Aristocrático em 1537: Festas, Ostentação e Poder em Vila Viçosa*, estudando os elementos que simbolizam o poder da Casa de Bragança através da cultura material presente na cerimónia.

“Os lumes das noites emulavam o céu nas estrelas”: a iluminação festiva nos séculos XVI e XVII

Nas grandes festas públicas portuguesas dos séculos XVI e XVII, o estrondo e a luz de fogos e luminárias assolavam a paisagem nocturna, dissipando a treva e o silêncio. Das velas, lanternas e tochas que adornavam torres e fachadas aos foguetes lançados sobre as águas, passando por salvas de artilharia disparadas por fortalezas e navios, as noites eram acordadas por espectáculos luminosos.

Usando o contraste entre a luz e a penumbra para encenações que estimulavam os sentidos e captavam a imaginação, estes espectáculos eram usados como ferramentas de propaganda pelos diferentes poderes. Maravilhando a audiência com a mestria dos elementos e narrativas alegóricas ritmadas pelas explosões de luz e som, as iluminações festivas tornaram-se parte de manifestações sensoriais de poder cada vez mais complexas.

Fazendo um sobrevoo pelas descrições destes acontecimentos, pretendemos dar conta dos seus propósitos e significados, evidenciando o seu lugar na relação íntima entre festa e poder.

ISABEL MONTEIRO

IL DOLCIMELO

Isabel Monteiro é licenciada em Flauta de Bisel pela Escola Superior de Música de Lisboa e Mestre em Musicologia Histórica pela Universidade Nova de Lisboa com a dissertação *Instrumentos e instrumentistas de sopro no século XVI português* (2010). Do cruzamento da prática artística com os estudos musicológicos tem resultado a criação de programas de concerto temáticos, em paralelo com comunicações em encontros científicos em áreas afins. É docente na Academia de Música de Santa Cecília e responsável artística pelo grupo de música antiga IL DOLCIMELO.

Músicos na noite (século XVI): indesejáveis ou indispensáveis?

No âmbito do tema A NOITE NA MÚSICA encontra-se, no repertório de corte renascentista, um conjunto de obras cujo conteúdo poético – de pendor mais contemplativo ou mais pragmático – aborda tópicos como o sono e o sonho, a cama e os amores, o luar ou o silêncio. No reverso da medalha – A MÚSICA NA NOITE – temos notícia de eventos musicais ou com música, em espaços interior e exterior, em contextos público e privado, e mesmo alguns indícios sobre a música que neles se escutava. Se a maioria das celebrações festivas ou laudatórias tem lugar durante o dia – por razões de segurança, participação popular e visibilidade de todo o aparato cénico e simbólico apresentado – não deixam de ser igualmente referidas ocorrências à luz de tochas, luminárias ou fogos artificiais. Que músicos participavam nesses diversos eventos e que papéis desempenhavam? Sem a pretensão de abarcar exaustivamente o amplo leque de situações em que é reportada ou implícita a presença de músicos/música durante a noite, este trabalho centra-se em particular nas ‘serenatas’ de rua e nos serões de corte.

ANA PAULA AVELAR

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

CH, Universidade de Lisboa

CEC, Universidade de Lisboa

Ana Paula Avelar é Professora Associada com Agregação na Universidade Aberta, investigadora colaboradora no Centro de História e no Centro de Estudos Clássicos, ambos da FLUL, e investigadora integrada no CHAM NOVA. Lecciona unidades curriculares nos três ciclos do ensino superior, tendo participado, coordenado e dirigido vários projectos e obras publicadas nas áreas de História Moderna, História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Estudos Asiáticos, Estudos do Património e Estudos Portugueses, dos quais realçamos *Visões do Oriente – Formas de Sentir do Portugal de Quinhentos* (2003), *Representações de um "Novo Mundo" no Portugal de Quinhentos* (2011) ou *D. Luísa de Gusmão – a Rainha-regente* (2011).

Do cronotopo da noite na cronística portuguesa de Quinhentos

A partir do conceito de cronotopo refletir-se-á sobre o modo como a noite modelou a historiografia da expansão. Assim, e num primeiro momento, confrontar-se-á a proposta de sistematização teórica de Craig Koslofsky, no seu texto *Evening's Empire – A History of the Night in Early Modern Europe* com a possível categorização da escrita da História produzida em Portugal no nosso século XVI.

Num segundo momento esboçar-se-á o modo como, na cronística portuguesa de Quinhentos, autores como Fernão Lopes de Castanheda na sua História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses, João de Barros, nas suas Décadas da Ásia... e Gaspar Correia, nas suas Lendas da Índia... usaram o cronotopo da noite nos seus textos.

A par da mensurabilidade do tempo e do modo como a noite aparece ou não descrita, tomar-se-ão espaços específicos de análise nos diferentes discursos historiográficos (como os cercos, viagens ou embaixadas...) e possíveis signos nocturnos a eles associados.

CARLA ALFERES PINTO

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

Carla Alferes Pinto é licenciada em História de Arte, Mestre em História de Arte Moderna e doutorada em História de Arte, especialidade de Museologia e Património Artístico. Actualmente desenvolve um projecto de pós-doutoramento intitulado *O gosto das coisas. O consumo de objectos artísticos pelas infantas e rainhas Avis-Beja (1430-1577)*. É investigadora do CHAM NOVA, onde coordena o grupo de investigação *Património e Memória*. Os seus estudos centram-se no estudo das relações artísticas entre Portugal e a Índia e em questões de género relativas à encomenda, produção e apropriação de objectos artísticos nos séculos XVI e XVII.

A noite que se instala: A lírica de Camões e os relatos da morte da Infanta D. Maria (Outubro de 1577)

No dia 10 de Outubro de 1577 a Infanta D. Maria de Portugal, última filha do rei D. Manuel e a única sobrevivente de D. Leonor de Áustria, morria nas suas casas junto a Santa Apolónia.

Não existem relatos coevos da morte da Infanta D. Maria e as crónicas posteriores não referem a presença de criados e das suas damas no leito de morte, mencionando apenas três o cardeal D. Henrique, D. Jorge de Almeida, arcebispo de Lisboa, e o confessor, Fr. Francisco Foreiro. Para além destes, uma quarta personagem acompanha as últimas horas de D. Maria na corte portuguesa: a noite. A noite que se introduz, de facto, com a morte da Infanta e que faz com que as primeiras cerimónias fúnebres sejam realizadas a cobro da escuridão; e a noite que se instala como alegoria do mal-estar dinástico e social, fazendo do desaparecimento de D. Maria um alerta para o ocaso dos Avis-Beja e uma premonição para os “desamparos e desgraças” que se avizinhavam.

Nesta apresentação procurarei analisar o papel da noite na encenação da narrativa da morte da Infanta D. Maria, tendo como ponto de partida o verso de Camões (esse, sim, coevo) que começa o soneto que dedicou ao triste episódio da morte de D. Maria aos 56 anos de idade: “Que levas, cruel Morte? Hum claro dia.”

ÍNDICE

Ficha técnica do livro de resumo.....	3
Ficha técnica do evento.....	4
Apresentação.....	5
Programa.....	6
Catarina dos Santos Viegas e Raquel Gomes Justo, <i>Noites cristianíssimas e fidelíssimas: os hábitos nocturnos do Rei Sol e do Rei Magnânimo</i>	9
Ana Isabel Buescu, <i>A realeza e a noite. Cerimónias da monarquia (1490-1572)</i>	10
Ana Leal de Faria, <i>Paris de noite e noites de um diplomata em Paris: Duarte Ribeiro de Macedo, 1668-1676</i>	11
Nuno Gonçalo Monteiro, <i>A noite dos «duelistas»: padrões de violência urbana em Lisboa. Breves notas</i>	12
Paulo Dias, <i>“Ó noite má pera quem t’aparelhas”: a noite em contexto militar (séculos XV e XVI)</i>	13
César Pedro Rodrigues e Miguel Filipe Saraiva, <i>A noite flutuante: introdução aos quartéis de prazer no Japão Moderno</i>	14
José Pedro Paiva, <i>À noite há bruxas? O simbolismo nocturno no mito da bruxa europeia na Época Moderna</i>	15
Isabel dos Guimarães Sá, <i>A noite e os seus interditos nos espaços públicos (séculos XVI-XVIII)</i>	16
Amândio Barros, <i>“Com uma candeia que lhe ilumine o rosto”. Notas sobre a noite numa cidade portuária dos séculos XV e XVI</i>	17

Rosa Fina, <i>À procura das personagens da noite lisboeta, entretecendo mito, literatura e história (séculos XVIII e XIX)</i>	18
Maria Paula Marçal Lourenço, <i>Entre as sociabilidades “lícitas” e “ilícitas” dos Reis de Portugal (segunda metade do século XVII-século XVIII): espaços, vivências e intimidades nocturnas</i>	19
António Camões Gouveia, <i>Da noite das Regras à noite dos sentidos</i>	20
Carlos de Almeida Franco, <i>Penumbra e silêncio, luz e festa: as longas noites nas casas nobres no final do Antigo Regime</i>	21
Ana Marques Pereira, <i>Medianoche e outras refeições nocturnas</i>	22
André Filipe Neto e Sara Bravo Ceia, <i>Preencher a noite: aproximações ao barroco quotidiano</i>	23
André Filipe Godinho e Andreia Fontenete Louro, <i>“Os lumes das noites emulavam o céu nas estrelas”: a iluminação festiva nos séculos XVI e XVII</i>	24
Isabel Monteiro, <i>Músicos na noite (século XVI): indesejáveis ou indispensáveis?</i>	25
Ana Paula Avelar, <i>Do cronotopo da noite na cronística portuguesa de Quinhentos</i>	26
Carla Alferes Pinto, <i>A noite que se instala: A lírica de Camões e os relatos da morte da Infanta D. Maria (Outubro de 1577)</i>	27

